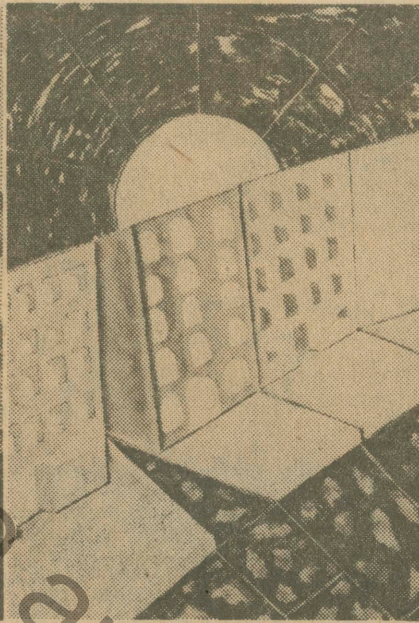


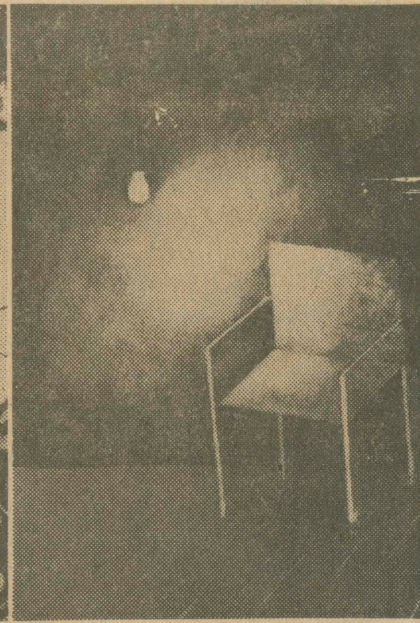
Luis Sacilotto, na Cosme Velho



Rodrigo de Haro, na Rastro



Carlos Marques, na Aliança



Luiza Regina, na Projecta

Na semana de artes plásticas, do concreto ao figurativo

Um dos pioneiros do movimento concretista no Brasil, Luis Sacilotto, mostra a partir de hoje, às 21 horas, trabalhos dos últimos cinco anos na Galeria de Arte Cosme Velho (alameda Lorena, 1579).

Ainda muito jovem, Sacilotto enveredou pelo mundo das artes gráficas, como letrista. O rigor do trabalho exigia controle nervoso, lógica de proporções e limpeza absoluta. Amputando as asas individualistas, o trabalho tecia analogias e relações com objetos e pessoas. Apareceu então na cabeça do jovem artista a idéia — na época considerada "maluca" — de desenvolver uma arte facilmente legível. A cidade oferecia vários exemplos, o carro, o prédio, o avião, o vestido, o sapato. Tudo isso provocava uma transformação profunda no artista, que já começava a sentir a crise da concepção figurativa da arte e tinha por conteúdo a apologia da liberdade criadora do homem moderno. A partir daí, a arte de Sacilotto transcendeu as fronteiras do Brasil e chegou à Bienal de Veneza, quando participou da XXVI edição, em 52. Em seguida, ele optou pelo concretismo. Mas só na década de 60 encontrou sua própria linguagem. Foi quando chegou ao corte e à dobra dos metais. Nos últimos anos, deixou outros empregos (é arquiteto), "só para não me desviar do caminho da arte concreta a que me propus".

Debruçado sobre a composição gráfica de um farto figurativismo, à qual dispõe um cromatismo de contrastes, Rodrigo de Haro volta a expor em São Paulo, na Galeria Rastro (rua Augusta, 2223).

O artista, uma das personalidades marcantes do movimento de arte mágico-surrealista surgido na década de 60 em vários pontos do País, expõe raramente em São Paulo. Nascido em Paris, às vésperas da Segunda Guerra, sempre se interessou pela concepção do retrato, um dos seus temas permanentes, retomando o registro das figuras renascentistas — seu pai (Martinho Haro) foi considerado um mestre nessa arte.

Rodrigo de Haro expõe desde 1952, quando participou do salão de pintura de Florianópolis e recebeu o prêmio máximo. Na opinião do crítico Walmir Ayala, o artista inventa uma cenografia excessiva para emoldurar suas figuras perplexas, envolvidas em densa humanidade. Seus vampiros e vampiras se espantam com seus próprios adereços, infantis e inocentes, recamados de laços de fitas, com maquiagem de agonia e superpostos de máscaras grand-guinholescas. As pinturas recentes de Rodrigo de Haro podem ser vistas até o dia 3 de abril.

A arte do esmalte, uma das mais antigas expressões estéticas, ganha espaço na Galeria da Aliança Francesa (rua Lisboa, 74) com os trabalhos recentes de Carlos Marques, em exposição até o próximo dia 2 de abril.

A pesquisa desenvolvida por Marques consiste na aplicação de matéria vítrea, composta de silício e óxidos metálicos, sobre um suporte metálico, com a qual mergulha nos mais diferentes temas.

O renascimento recente do esmalte — que vem sendo usado desde o século XIV a.C. — se deu durante a exposição de Limoges, em 1886. Nessa grande coletiva, foram reunidos esmaltes Chamlevés cloisonnés e pinturas provenientes de museus, igrejas e coleções particulares europeias. O salão foi seguido de outros, até que em 1971 foi criada a Bienal de Limoges, idealizada pelo artista Georges Magadoux. A partir da terceira, que aconteceu em 75, Carlos Marques participou como convidado, representando o Brasil. Além das bienais francesas, o artista também integrou vários salões, em Paris e em Tóquio. No Brasil, seu nome se tornou conhecido na mostra do Palácio de Cristal de Petrópolis, na Escola de Belas Artes da Bahia, entre outras exposições importantes.

Pintura e Desenhos" é o nome da coletiva organizada pela Galeria Projecta (rua Mello Alves, 541), que reúne trabalhos de Graciela Rodrigues Davoli, Luiza Regina e Tito Camargo, em pesquisas visuais que refletem tendências distintas e contemporâneas.

Graciela, que é socióloga também, pinta há 12 anos e já trabalhou com Waldemar da Costa, Antonio Vitor e Paulo Guedes. Atualmente, frequenta o curso de Marcelo Nistche na Pinacoteca do Estado. Nos três últimos anos, tem participado de vários salões, como o Paulista. Nesta mostra, participa com 12 trabalhos, executados em pastel oleoso sobre papel.

Luiza Regina é também socióloga. No entanto, em 76 trocou as teses sociais e passou a se dedicar exclusivamente à arte, tendo participado de salões nacionais e internacionais.

Como suas companheiras de exposição, Tito Camargo também não tem formação específica na área de artes plásticas. É geógrafo, mas se dedica às artes desde 75. Participou de vários salões de arte e nesta mostra expõe 12 trabalhos sobre papel, executados em técnica mista. A coletiva pode ser vista até o dia 7 de abril.